



Da construção de espaços, hierarquias e fronteiras nos sertões do Brasil central: Goiás, 1770-1830.

Antonio José Alves de Oliveira¹

Book Review:

Mary C. Karasch. *Before Brasília: Frontier Life in Central Brazil*.
(University of New York Press, 2016.)

A historiadora Mary Karasch, autora da notável obra “Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)”², datada de 1987, que versava sobre aspectos centrais da vida social e cultural da capital do Brasil colonial, alçada à sede da Corte Portuguesa nos Trópicos, analisava os vários modos de viver e sobreviver dos escravizados. A autora questionava os mitos consolidados na historiografia acerca da escravidão no Brasil e buscava enxergar as agências dos homens e mulheres que construíram uma cultura nova, “afro-carioca”, no Rio de Janeiro, apesar da instituição da escravidão. Na seu mais recente livro, Karasch dedica-se ao Brasil central. Seu interesse vem de longa data, resultado dos mais de vinte anos de contatos com as fontes, os pesquisadores e com a diversidade ambiental e sócio-cultural do Cerrado.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará e Mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² KARASCH, Mary. *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton University Press, 1987.

A abordagem da autora em “Before Brasília” busca um diálogo ainda mais intenso com a antropologia e a etno-história, com os estudos das relações de gênero, a história social e a história cultural, e principalmente com a indagação norte-americana sobre o conceito de fronteira. No diálogo com a antropologia e a etnohistória emerge um universo de relações anteriores à ocupação portuguesa, com as interações dos grupos macro-Gê dos atuais estados de Goiás e Tocantins, como os Xavante, Xerente, Kayapó, Karajá, Apinajé, Krahô dentre vários outros, além dos grupos Tupi, como os “Canoeiros”, relações estas estabelecidas entre si, com o mundo natural do cerrado e, a partir de então, com os adventícios luso-brasileiros. Assim, emerge na narrativa uma análise que privilegia a compreensão da agência, das escolhas e das estratégias dos grupos indígenas em suas resistências sociais, lutas e trocas culturais. E nestes embates se desenha a Capitania de Goiás nas fronteiras do mundo português em seu processo de expansão. Karasch explicita portanto, como os grupos indígenas se fizeram ativos participantes na evolução de suas próprias histórias, para além da violência fronteiriça, da escravidão e da morte, à espreita no “coração do Brasil”. Por outro lado, as visões da fronteira na ótica dos luso-brasileiros era a de um universo de riscos, mas também de possibilidades de enriquecimento, uma fronteira aberta e ilimitada à exploração, seja ambiental, com a mineração, seja social, com a escravização indígena.

Embora todos estes elementos históricos estejam bastante presentes na composição da obra, é entretanto a compreensão de um determinado processo histórico que se encontra no eixo dos questionamentos de Karasch, qual seja, o período conceituado pela historiografia como o de decadência da mineração na capitania de Goiás nos anos 1770, até a década de 1830, quando se operam transformações substanciais na economia da Província, com a consolidação da pecuária no cerrado, fazendo emergir novos significados à fronteira.

Nesse aspecto, o diálogo com a historiografia estadunidense do conceito de “fronteira” é parâmetro importante para a análise dos processos históricos. O entendimento de uma zona fronteiriça com trocas, negociações e conflitos, cara a

conceituação de Richard White em seu “Middle Ground”³ emerge como um diálogo profícuo, com similitudes e diferenças nos avanços luso-brasileiros no oeste da América portuguesa. Do mesmo modo, o diálogo com historiadores da África e historiadores da escravidão como Jan Vansina⁴ e Joseph Miller conduzem ao entendimento da polissemia do conceito de fronteira, de que na América portuguesa, antes mesmo da descoberta das riquezas minerais, os contatos e os jogos de força com os grupos indígenas sob o signo da escravidão, ou como conceitua Karasch, na expansão da fronteira escravista.

Com a mineração, emerge outro aspecto de diferenciação com a “fronteira” analisada na obra clássica de Frederik Jackson Turner, o fato da região mineradora responder diretamente ao reino com a montagem da burocracia e um aparato estatal e a instituição de uma sociedade colonial de moldes luso-brasileiros no “coração do Brasil”. Com isso, também os sujeitos escravizados africanos passam a compor a sociedade colonial, trazendo consigo um universo cultural novo, coexistindo e resistindo nos espaços coloniais, criando novos espaços de resistências, como os quilombos, as irmandades religiosas, emergindo igualmente nas festividades, com os reizados e as coroações do rei do Congo.

Karasch dedica-se ainda a analisar o papel da mulher e as relações de gênero no mundo colonial. Para além do controle, da coerção e da violência relacionada à mulher branca, sempre em menor número, também observa de que modo se dão as relações face às mulheres de cor, eivadas pela violência colonial, escravização, estupro e relações de concubinação, que não obstante terminavam em abandono. Entretanto, em meio a essas relações emerge na narrativa a figura de Dona Damiana da Cunha, que liderou expedições de pacificação junto ao seu próprio povo, os Kayapó. Em seu primeiro casamento, na década de 1790 Damiana se unia ao sargento dos pedestres e diretor da missão Maria I, José Luís Pereira. O significado da união residiria nas estratégias de fortalecimento das relações entre portugueses e Kayapó, sendo

³ WHITE, Richard. *The Middle Ground: Indians, Empires and republics in the Great Lakes Region, 1650-1815*. Cambridge University Press, 2011 (1ª ed. 1991).

⁴ VANSINA, Jan. *How Societies are born: Governance in West Central Africa before 1600*. University of Virginia Press, 2004.

Damiana filha de um de seus líderes. Acompanhando as bandeiras desenvolvera então os conhecimentos que a tornaram hábil à liderança das missões de pacificação. Entretanto, é sintomático que nestas expedições percorresse os espaços como uma Kayapó, com o corpo tingido de urucum e jenipapo, explicitando significados profundos da sociedade que emergia, com resistências e códigos culturais próprios, emergentes das negociações, das trocas e das sobrevivências culturais.

Outro elemento central dessa sociedade fronteira discutido por Karasch é a atuação dos homens de cor e o lugar ocupado por estes na sociedade colonial. Negros escravizados e indígenas possuíam um papel central e ambíguo. Além de atuarem nas minas e demais trabalhos forçados, tinham como função a proteção da capitania em agrupamentos militares como o terço dos henriques e o regimento dos homens pardos. E, embora homens e mulheres de cor excedessem o número de brancos na capitania de Goiás, a sociedade de moldes estamentais do Antigo Regime português criava-lhes empecilhos quase incontornáveis.

São nesses aspectos da vida social que Karasch amarra suas discussões com os historiadores norte-americanos acerca da fronteira, principalmente Frederick Jackson Turner⁵, embora este tivesse criado uma narrativa que marginalizava os indígenas na história da colonização na América do Norte. Para Karasch, portanto, nos sertões do Brasil central, do ponto de vista social, emergia uma sociedade igualmente fronteira, entretanto, caracterizada pela hierarquia, a desigualdade e a exclusão, pelo transplante de práticas de distinção do reino, com contornos e cores próprias na sociedade emergente nos sertões e nos vários sentidos que o termo fronteira toma até nossos dias no Cerrado. E, do ponto de vista ecológico e ambiental, o livro de Karasch nos alerta que o sentido de fronteira aberta à exploração ambiental, como se caracterizou no Brasil colonial, com os privilégios das elites e dos poderosos, é uma experiência que se replica de forma preocupante até os nossos dias nos atuais estados de Goiás e Tocantins, hoje voltados para a produção agrícola, com a expansão irrefreável do plantio de soja e o suporte irrestrito às práticas predatórias do

⁵ TURNER. Frederick Jackson. *The Frontier in American History*. New York: Henry Holt and Company, 1920.

Da construção de espaços, hierarquias e fronteiras nos sertões do Brasil central: Goiás, 1770-1830.

Antonio José Alves de Oliveira

agronegócio, colocando em risco os pequenos agricultores e o raro e frágil ecossistema do Cerrado.

Of constructions of espaces, hierarchies and frontiers in the backlands of Central Brazil: Goias, ca. 1770-1830.

Book Review:

Before Brasília: Frontier Life in Central Brazil. University of New York Press, 2016.

Recibido: 16/10/2018
Aprobado: 24/10/2018